

A CASA
DO OUTRO
LADO
DO LAGO
RILEY SAGER

TRADUÇÃO DE GIOVANNA CHINELLATO



ALTA BOOKS

GRUPO EDITORIAL
Rio de Janeiro, 2023

TAMBÉM POR RILEY SAGER

FINAL GIRLS

THE LAST TIME I LIED

LOCK EVERY DOOR

HOME BEFORE DARK

SOBREVIVA À NOITE

AMOSTRA

I think he did it, but I just can't prove it.

— Taylor Swift, *No Body, No Crime*

AMOSTRA

O lago é mais escuro do que um caixão com a tampa fechada.

É isso que Marnie costumava dizer, quando éramos crianças e ela estava constantemente tentando me assustar. É um exagero, com certeza. Mas não por muito. A água do Lago Greene é escura, mesmo com a luz reluzindo sobre ela.

Um caixão com um furo na tampa.

De fora da água, dá para ver com clareza pouco mais de um palmo sob a superfície antes que comece a ficar nebuloso. Então barrento. Então escuro como um túmulo. É pior quando se está completamente submerso, o tremular da luz que vem de cima é um contraste forte com as trevas das profundezas abaixo.

Quando éramos crianças flutuando para cima e para baixo no meio do lago, Marnie sempre me desafiava a nadar para além do ponto de visibilidade até tocar o fundo. Eu tentei várias vezes, mas nunca consegui. Perdida no escuro, sempre ficava desorientada, me virava, nadava para cima achando que estava indo para baixo. Eu submergia sem fôlego, confusa, e um tanto perturbada com a diferença entre água e céu.

Na superfície, era dia ensolarado.

Logo abaixo, a noite aguardava.

À margem, cinco casas pairam ao lado das águas escuras do Lago Greene, variando entre o confortavelmente tradicional e o visivelmente moderno. No verão, quando o estado das Montanhas Verdes está no ápice de seu esplendor e cada casa fica abarrotada de amigos, familiares e pessoas que passam o final de semana, elas brilham como faróis sinalizando um porto seguro. Através das janelas, é possível ver cômodos bem iluminados cheios de gente comendo e bebendo, rindo e discutindo, jogando e compartilhando segredos.

Tudo muda fora de temporada, quando as casas ficam silenciosas. Primeiro, durante a semana, depois, aos sábados e domingos também. Não que estejam vazias. Longe disso. O outono atrai as pessoas a Vermont tanto quanto o verão. Mas a energia é outra. Silenciada. Solene. Em meados de outubro, parece que a escuridão da água transbordou para a margem e inundou as casas, enfraquecendo suas luzes.

Isso é especialmente verdade quando se trata da casa do outro lado do lago.

Feita de vidro, aço e pedras, ela reflete a água gelada e o céu cinzento de outono, usando-os para mascarar o que quer que esteja acontecendo em seu interior. Quando as luzes estão acesas, é possível ver para além da superfície, mas há um limite. É como o lago nesse sentido. Não importa o quanto você olhe, algo pouco abaixo da superfície vai sempre continuar oculto.

Eu sei.

Eu tenho observado.

AMOSTRA



AGORA

AMOSTRA

Encaro a detetive do outro lado da mesa. Há uma caneca de café intocada à minha frente. A fumaça que sobe da bebida dá à mulher um ar translúcido de mistério. Não que ela precise de ajuda para isso. Wilma Anson carrega uma tranquilidade inexpressiva que raramente muda. Mesmo a esta hora da noite e ensopada de chuva, ela permanece inabalável.

— Você observou a casa dos Royce esta tarde? — pergunta.

— Sim. — Não tenho por que mentir.

— Viu algo incomum?

— Mais incomum do que tudo o que eu já vi?

Um assentir de cabeça por parte de Wilma.

— É isso o que eu estou perguntado.

— Não. — Desta vez, a mentira é necessária. Vi muito esta tarde. Mais do que jamais quis ver. — Por quê?

Uma rajada de vento bate nas portas largas que dão para a varanda dos fundos. Nós duas paramos um momento para observar as pequenas gotas que se chocam contra o vidro. A tempestade já está pior do que o apresentador do tempo anunciou na TV, e o que ele previu já era ruim. O final do furacão categoria 4 havia se transformado em uma tempestade tropical ao se virar de volta, bruscamente, como um boomerang, do interior para o Atlântico Norte.

Raro para meados de outubro.

Mais raro ainda para o leste de Vermont.

— Porque é possível que Tom Royce esteja desaparecido — diz Wilma.

Arranco minha atenção dos painéis de vidro molhados da porta para lhe lançar um olhar de surpresa. Ela encara de volta, serena como sempre.

— Tem certeza? — pergunto.

— Acabei de sair de lá. A casa está destrancada. Aquele carro chique dele ainda está na garagem. Parece que não tem nada faltando. Exceto por ele.

Eu foco de novo na porta da varanda, como se pudesse ver a casa dos Royce se erguer na margem oposta do lago. Tudo o que consigo identificar é a escuridão profunda e clarões da água arrebatada pelo vento num frenesi.

— Acha que ele fugiu?

— A carteira e as chaves dele estão no balcão da cozinha — responde Wilma. — É difícil fugir sem dinheiro ou um carro. Especialmente neste tempo. Então, duvido.

Percebo a escolha de palavras dela. *Duvido*.

— Talvez alguém tenha ajudado ele — sugiro.

— Ou talvez alguém fez ele desaparecer. Sabe algo sobre isso?

Meu queixo cai em surpresa:

— Você acha que eu tenho alguma coisa a ver com isso?

— Você invadiu a casa deles.

— Eu *entrei sem ser vista* — digo, na esperança de que a distinção amenize o crime aos olhos de Wilma. — E isso não significa que eu saiba onde Tom está agora.

Wilma continua em silêncio, esperando que eu diga mais e possivelmente me incrimine. Os segundos se arrastam. Muitos segundos. Todos anunciados pelo tique-taque do relógio-carrilhão de coluna na sala de estar, que age como uma batida em compasso ao fundo da música da tempestade. Wilma escuta, aparentemente sem pressa. Ela é uma maravilha de compostura. Suspeito que seu nome tenha muito a ver com isso. Se uma vida de piadas sobre os Flintstones ensina alguma coisa, é a ter uma paciência infinita.

— Presta atenção — diz ela, após o que parecem ser três minutos inteiros. — Sei que você está preocupada com Katherine Royce. E sei que quer encontrá-la. Eu também quero. Mas eu já disse que fazer as coisas por conta própria não vai ajudar. Deixa eu fazer o meu trabalho, Casey. É a nossa melhor chance de encontrar Katherine com vida. Então, se você sabe alguma coisa sobre o paradeiro do marido dela, por favor, me conta.

— Eu não faço ideia de onde Tom Royce possa estar. — Me inclino para frente, as palmas estendidas sobre a mesa, tentando invocar a mesma energia opaca que circunda Wilma. — Se não acredita em mim, fique à vontade para vasculhar a casa.

Wilma considera a proposta. Pela primeira vez desde que nos sentamos, consigo sentir as engrenagens da mente dela girando tão ritmadas quanto o relógio de coluna.

— Eu acredito em você — diz finalmente. — Por ora. Mas posso mudar de ideia a qualquer momento.

Parada na soleira, me certifico de observá-la ir embora quando ela parte, enquanto a chuva me dá bofetadas ao invadir a varanda da frente. No caminho da entrada, Wilma trota de volta ao seu sedan não identificado e desliza para trás do volante. Eu aceno conforme ela dá ré, espirra água da poça que não existia uma hora antes e acelera pela rua.

Fecho a porta da frente, chacoalho o excesso de chuva e vou até a cozinha, onde me sirvo de uma boa dose de bourbon. Essa nova reviravolta exige um incentivo que café não tem como oferecer.

Lá fora, outra rajada de vento atinge a casa. Os beirais rangem e as luzes piscam.

Sinais de que a tempestade está piorando.

Final do furacão uma ova.

Com o copo de bourbon na mão, subo as escadas em direção ao primeiro quarto à direita.

Ele está exatamente como o deixei.

Espalhado sobre a cama de solteiro.

Os pulsos amarrados à cabeceira e os tornozelos, aos pés da cama.

Toalha enfiada na boca para servir de mordaca.

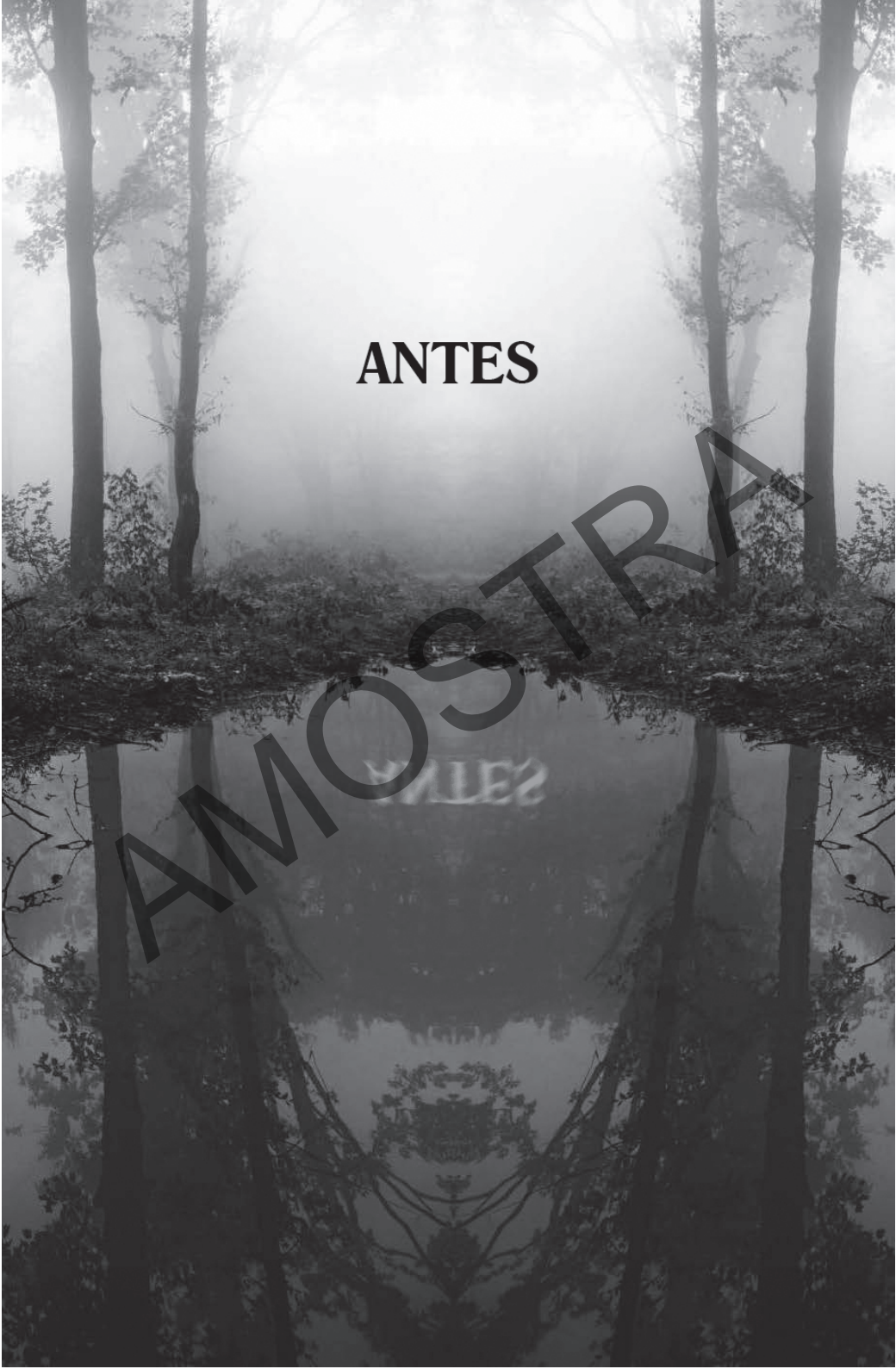
Tiro a toalha, me sento na cama idêntica do outro lado do cômodo e dou um grande e lento gole no bourbon.

— Estamos ficando sem tempo — digo. — Agora me fala o que você fez com a Katherine.

AMOSTRA

ANTES

AMOSTRA



Eu vejo com o canto do olho.
Algo na superfície.
Ondinhas.

A luz do sol.

Algo se erguendo da água, então afundando de novo.

Tenho observado o lago sem prestar atenção, o que tende a acontecer quando se vê a mesma coisa um milhão de vezes. Olhar, mas não de verdade. Ver tudo, sem registrar nada.

O bourbon pode ter algo a ver com isso.

Estou no terceiro.

Talvez quarto.

Contar as doses, outra coisa que faço sem prestar atenção.

Mas o movimento da água agora tem meu foco total. Me levantando da cadeira de balanço sobre pernas instáveis depois de três (ou quatro) drinks no dia, observo a superfície vitrificada do lago se romper mais uma vez em círculos tingidos pelo sol.

Aperto os olhos, tentando superar a névoa do bourbon por tempo o suficiente para ver o que é. Inútil. O movimento é bem no centro do lago, longe demais para enxergar com clareza.

Deixo a varanda de trás da casa, entro e me apresso ao abarrotado hall logo depois da porta de entrada. Há um cabideiro ali, enterrado sob jaquetas impermeáveis e capas de chuva. Entre elas, está um binóculo em uma bolsinha de couro, pendurado por uma tira desgastada, intocado por mais de um ano.

Com o instrumento em mãos, volto à varanda e me posiciono atrás do parapeito, correndo os olhos pelo lago. As ondulações reaparecem, e, ao centro, uma mão emerge da água.

O binóculo cai no chão.

Eu penso: *Alguém está se afogando.*

Eu penso: *Preciso salvá-los.*

Eu penso: *Len.*

Este último pensamento, de meu marido, de como ele morreu naquelas mesmas águas profundas, me impulsiona a agir. Eu me afasto do parapeito, e o movimento faz balançar os cubos de gelo no copo de bourbon ao lado da cadeira de balanço. Eles tilintam levemente conforme deixo a varanda,

desço correndo os degraus e disparo pelos poucos metros de chão coberto de musgo entre a casa e a água. O deque de madeira se mexe quando salto sobre ele e continua a tremer conforme corro até a lancha, que está no fim. Desamarro-a, entro cambaleante, pego um remo e empurro a doca.

A lancha gira por um momento, dando uma pirueta nada elegante sobre a água antes que eu a estabilize com o remo. Assim que a frente está voltada para o centro do lago, aciono o motor de popa com um puxão de doer o braço. Cinco segundo depois, o barco está deslizando pela água, em direção ao lugar onde vi as ondulações concêntricas pela última vez, mas agora não enxergo nada.

Começo a ter esperanças de que o que vi tenha sido apenas um peixe saltando para fora da água. Ou uma ave, uma mobelha talvez, mergulhando para dentro. Ou de que o sol, o reflexo do céu sobre o lago, e várias doses de bourbon me tenham feito ver algo que não estava realmente lá.

Vã esperança.

Porque, conforme a lancha se aproxima do centro do lago, vejo algo na água.

Um corpo.

Boiando na superfície.

Imóvel.

Desligo o motor e corro para a frente do barco, para ver melhor. Não sei dizer se a pessoa está com o rosto para cima ou para baixo, viva ou morta. Tudo o que vejo são as sombras de membros esticados na água e uma confusão de fios de cabelo flutuando como algas. Vem à minha mente a imagem de Len na mesma posição, e grito em direção à margem:

— Socorro! Alguém está se afogando!

As palavras ecoam pelas árvores douradas como chamas dos dois lados do lago, provavelmente não ouvidas por ninguém. É outubro, e o Lago Greene, nunca muito cheio, para começo de conversa, está praticamente abandonado. O único morador fixo é Eli, e ele só volta à noite. Se há mais alguém por perto, não se manifesta.

Estou sozinha.

Pego o remo de novo e começo a avançar em direção à pessoa na água. Uma mulher, percebo agora. Seu cabelo é comprido. Um maiô expõe costas bronzeadas, pernas longas, braços torneados. Ela flutua como um tronco, balançando gentilmente com a chegada da lancha.

Outra imagem de Len surge em minha mente conforme cambaleio até a âncora amarrada a um dos cunhos do casco. A âncora não é pesada, tem apenas 10 quilos, mas é o suficiente para evitar que o barco se afaste. Deruboo-a na água, e sua corda sibila contra a lateral da lancha enquanto desce até o fundo do lago.

A seguir, pego um colete salva-vidas de debaixo de um dos assentos, avanço até a lateral e me junto à âncora na água. Entro no lago de forma estranha. Não é um mergulho gracioso. É mais um tombar de lado. Mas a água gelada me deixa sóbria como se fosse um tapa. Com os sentidos afiados e o frio ferrendo o corpo, enfio o colete salva-vidas debaixo do braço esquerdo e uso o direito para remar até a mulher.

Sou uma boa nadadora, mesmo parcialmente bêbada. Cresci no Lago Greene e passei muitos dias de verão mais dentro da água do que fora. E, mesmo que tenham se passado mais de catorze meses desde que mergulhei no lago pela última vez, a água me é tão familiar quanto minha própria cama. Gelada, até nos dias mais quentes, e translúcida como cristal por um breve instante até que a escuridão tome conta.

Espirrando água na direção da mulher que flutua, procuro por sinais de vida. Nada.

Nenhum movimento dos braços, chute dos pés ou lento virar de cabeça.

Um único pensamento ecoa pelo meu crânio conforme a alcanço. Parte implorando, parte rezando.

Por favor, não esteja morta. Por favor, por favor, esteja viva.

Mas, quando engancho o colete salva-vidas ao redor do pescoço dela e a viro para cima, não parece estar viva. Envolta pelo colete e com a cabeça tombada em direção ao céu, parece um cadáver. Olhos fechados. Lábios azuis. Pele fria. Fecho as tiras na base do colete, apertando-as ao redor dela, e estico a mão sobre seu peito.

Zero batimentos.

Merda.

Quero gritar por ajuda de novo, mas não tenho fôlego para fazer as palavras saírem. Mesmo bons nadadores têm um limite, e cheguei ao meu. A exaustão me arrasta como uma maré, e sei que mais alguns minutos batendo pernas e braços ao lado de uma mulher talvez/possivelmente morta podem acabar me deixando no mesmo estado que ela.

Coloco um braço ao redor de sua cintura e uso o outro para nadar de volta ao barco. Não faço ideia do que farei ao alcançá-lo. Me apoiar na lateral, imagino. Segurar firme enquanto seguro também a mulher provável/definitivamente morta e torcer para recuperar forças o suficiente nos pulmões para gritar de novo.

E que desta vez alguém irá me ouvir.

Neste momento, entretanto, minha maior preocupação é voltar à lancha. Não pensei em pegar um colete salva-vidas para mim mesma, e agora minhas braçadas estão cada vez mais lentas, e meu coração está martelando, e não

consigo mais sentir as pernas batendo, embora ache que ainda estejam. A água está tão gelada e sinto tanto frio... Estou tão assustadora e insuportavelmente exausta que, por um momento, considero pegar o colete salva-vidas da mulher para mim e deixá-la deslizar para as profundezas.

Instinto de sobrevivência se manifestando.

Não posso salvá-la sem salvar a mim mesma primeiro, e pode ser que ela já esteja além do ponto de resgate. Mas então penso de novo em Len, morto há mais de um ano agora, seu corpo encontrado estirado à margem deste mesmo lago. Não posso deixar que o mesmo aconteça com esta mulher.

Então continuo meu nado de um braço só, bater de pernas anestesiadas e puxar do que agora tenho certeza que é um cadáver. Continuo até que a lancha esteja a 3 metros.

Então dois.

Um.

Ao meu lado, o corpo da mulher tem de súbito um espasmo. Um sobresalto chocante. Desta vez, eu solto *de fato*, meu braço recua com o espanto.

Os olhos da mulher se abrem.

Ela tosse. Uma série de sons longos, altos e engasgados. Um jato de água se lança de sua boca e desce por seu queixo enquanto uma linha de muco escorre de sua narina esquerda até a bochecha. Ela a limpa e olha fixo para mim, confusa, sem ar e apavorada.

— O que acabou de acontecer?

— Não entre em pânico — digo, lembrando de seus lábios roxos, pele fria como gelo, sua rigidez completa e desconcertante. — Mas acho que você quase se afogou.

Nenhuma de nós fala de novo até estarmos ambas em segurança, na lancha. Não havia tempo para palavras enquanto eu me içava, chutava e escalava a lateral até conseguir me jogar no chão do barco como um peixe recém-pescado. Colocar a mulher a bordo foi ainda mais difícil, considerando como sua experiência de quase morte havia lhe drenado todas as forças. Foi preciso tanto puxar e erguer da minha parte que, quando ela finalmente subiu na lancha, eu estava exausta demais para me mexer, que dirá falar.

Mas, agora, depois de alguns minutos de respiração ofegante, nos erguemos aos assentos. A mulher e eu encaramos uma a outra, em estado de choque pela situação toda e satisfeitas em poder descansar alguns minutos enquanto nos restabelecemos.

— Você disse que eu *quase* me afoguei — diz ela.

Ela está enrolada em um cobertor xadrez que encontrei debaixo de um dos assentos da lancha, o que lhe dá a aparência de um gatinho resgatado de um bueiro. Acabada, vulnerável e agradecida.

— Sim — falo enquanto torço a água de minha camisa flanelada. Como só tem um cobertor a bordo, continuo ensopada e com frio. Não me importo. Não sou eu quem precisava de socorro.

— Defina *quase*.

— Sinceramente? Achei que você estivesse morta.

Debaixo do cobertor, a mulher tem um calafrio.

— Meu Deus.

— Mas eu estava errada — acrescento, tentando amenizar seu choque evidente. — É claro. Você voltou sozinha. Não fiz nada.

A mulher se revira em seu assento, revelando de relance um brilhante maiô enterrado debaixo da coberta. Azul-turquesa. Tão tropical. E tão inadequado para o outono em Vermont que me faz pensar como foi que ela sequer veio parar aqui. Se me dissesse que alienígenas a teletransportaram de uma praia de areia branca em Seicheles até o Lago Greene, eu quase acreditaria.

— Mesmo assim, tenho certeza de que eu teria morrido se você não tivesse me visto — diz ela. — Então obrigada por me resgatar. E eu deveria ter dito isso antes. Tipo, imediatamente.

Respondo com um modesto dar de ombros:

— Não vou guardar rancor.